

Expectativas de resultados frente ao uso de álcool, maconha e tabaco

Rosemeri Siqueira Pedroso*
Margareth da Silva Oliveira**
Renata Brasil Araujo***
Maria da Graça Castro****
Wilson Vieira Melo†

INTRODUÇÃO

As expectativas do efeito das drogas são fundamentais no desenvolvimento do abuso e dependência de substâncias, sendo importante o estudo aprofundado, abordando as diferentes substâncias psicoativas. Brown¹ avaliou o envolvimento de cada expectativa no processo de mudança do comportamento dependente, abordando esse tema a partir de alguns questionamentos: 1. Qual a expectativa do efeito da droga? 2. Como as expectativas se relacionam com o desenvolvimento do comportamento aditivo? 3. Como incorporar as

expectativas quanto ao efeito das drogas, tendo em vista não só a intervenção como a prevenção?

O comportamento cognitivo ou informacional associa-se ao que a pessoa “conhece” ou “espera” que aconteça, como resultado de um determinado comportamento. Já o comportamento motivacional ou de incentivo envolve o desejo e o valor de reforço do resultado ou efeito esperado. As expectativas de resultados positivos podem surgir a partir da exposição a estímulos condicionados, associados com expectativas anteriores em relação a droga, dependência física, crenças pessoais e culturais sobre os efeitos da droga e fatores situacionais/ambientais².

Essas expectativas referentes ao uso das substâncias psicoativas são importantes no tratamento e prognóstico dos dependentes químicos, sendo útil estudá-las, relacionando-as às diferentes drogas, amostras e populações. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão teórica a respeito do construto “expectativas de resultados” frente ao uso de álcool, *cannabis* e tabaco.

Artigo baseado na dissertação de mestrado “Expectativas de resultados frente ao uso de maconha: validação do *Marijuana Expectancy Questionnaire*”, defendida em 1º de março de 2005 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS.

* Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica, PUCRS, Porto Alegre, RS.

** Psicóloga, Doutora em Ciências da Saúde, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP.

*** Psicóloga, Doutora em Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, RS.

**** Médica psiquiatra, Mestre em Psicologia Clínica, PUCRS, Porto Alegre, RS.

† Psicólogo, Mestre em Psicologia Clínica, PUCRS, Porto Alegre, RS.

MÉTODO

Foram realizadas buscas nas bases eletrônicas de dados: MEDLINE, PsycINFO, ProQuest, Ovid, LILACS e Cork, utilizando os descritores *belief*, *expectancy*, *expectation*, *drug* e *effect*.

Critérios de inclusão

- Artigos indexados, publicados basicamente entre os anos de 1991 e 2005;
- Artigos não-indexados, livros e dissertações de mestrado e doutorado, bem como textos clássicos sobre o assunto, não importando a data de publicação.

Critérios de exclusão

Artigos que não abordaram, especificamente, as expectativas de resultados relacionadas ao uso de substâncias psicoativas.

RESULTADOS

Expectativas de resultados e comportamento dependente

Marlatt & Gordon² definem as expectativas de resultados como crenças cognitivas, culturais e pessoais acerca dos efeitos de determinada droga que levam o sujeito a engajar-se no comportamento dependente. Bandura³ diferenciou dois tipos de expectativas relacionadas a qualquer forma de comportamento: as expectativas de eficácia – que envolvem a capacidade para execução do comportamento – e as expectativas de resultados – relacionadas ao que se espera como sendo resultado do comportamento em questão. Ambos os tipos de expectativas são importantes no entendimento do processo de recaída, já que podem influenciar o desempenho de uma resposta de enfrentamento: resistir a uma situação de risco torna-se mais provável quando os resultados decorrentes dessa resistência relacionam-se com benefícios, a longo prazo.

No caso do uso de drogas, as expectativas de resultados manifestam-se em diferentes sistemas de resposta: efeitos físicos (alterações nas sensações e sentimentos associados com os efeitos fisiológicos da droga); efeitos psicológicos (cognições e estados emocionais alterados); e efeitos comportamentais (mudanças nos atos e comportamento manifesto)⁴.

Marlatt & Rohsenow⁵ discutem que poucos estudos avaliam as expectativas preconcebidas do indivíduo quanto ao álcool ou às outras drogas. Estudos futuros a respeito da cessação do consumo de diferentes substâncias poderão avaliar atitudes antes do início desse processo, separando 1) as expectativas quanto aos efeitos e quanto à abstinência e 2) os sintomas propriamente ditos⁶.

Expectativas de resultados e uso de álcool

Darkes et al.⁷ avaliaram o conceito da expectativa, a partir dos trabalhos de Bolles⁸ e Tolman⁹, e relataram que os estudos empíricos demonstram forte relação entre as expectativas positivas para os efeitos do álcool, mensuradas por intermédio de instrumentos psicométricos, e as expectativas analisadas em auto-relatos dos que consomem essa substância. Esses autores ainda referem que as expectativas positivas quanto ao uso de álcool são fatores preditivos, tanto para o uso dessa substância entre adolescentes e adultos jovens como para a diminuição dos níveis de consumo desses indivíduos. Os participantes do estudo de Darkes et al.¹⁰ tiveram uma idade média de 18,38 anos, e 42% relataram história familiar de alcoolismo, relacionado ao pai ou à mãe biológicos, bem como confirmaram consumir álcool com frequências entre “raramente” e “18 ou mais vezes por semana”, o que foi medido através das doses ingeridas e relatadas. Os achados sugerem que as expectativas positivas podem servir como uma rota para transmitir o efeito de variáveis preditoras importantes na determinação do consumo de álcool. Nesse processo, alguns possíveis antecedentes, tais como a história familiar do alcoolismo e o ambiente familiar, foram eliminados por não apresentarem uma correlação significativa com a variável consumo de álcool. Dessa forma, as expectativas de resultados positivos podem ser compreendidas, para que seja avaliada uma grande variedade de riscos e fatores que impedem ou antecipam o início do consumo do álcool, podendo levar a um comportamento dependente.

Aarons et al.¹¹ compararam as expectativas de resultados frente ao álcool e a quantidade e a forma de consumo dessa substância. Desenvolveram modelos da expectativa do álcool usando um paradigma cognitivo onde as expectativas são projetadas. A pesquisa foi conduzida em uma grande universidade pública, no sudeste dos EUA. Um total de 927

universitários, homens e mulheres, entre 17 e 35 anos de idade, participaram do estudo. As expectativas positivas quanto ao uso do álcool estiveram associadas com consumo pesado dessa substância em um elevado número de indivíduos, filhos de pais “bebedores-problema”, o que pode indicar a importância da exposição familiar, no caso de alcoolistas graves, para o estabelecimento desse tipo de crença.

As expectativas positivas do efeito do álcool podem ser avaliadas por meio das respostas em um instrumento como o *Alcohol Expectancy Questionnaire*, assim como por outras escalas que avaliem este mesmo fator¹². Além disso, as expectativas do efeito do álcool variam de acordo com a complexidade dos fatores de risco, devendo ser compreendidas pelo modelo multifatorial¹³.

Segundo Leigh & Stacy¹⁴, é provável que o relacionamento da expectativa de resultado frente ao uso de álcool difira com a idade. Esses autores examinaram a predição do comportamento de beber, verificando as expectativas de resultados positivos e negativos em idades diferentes. Coletaram dados de 2.875 sujeitos, homens e mulheres, com pelo menos 12 anos de idade. Verificaram hábitos de beber, incluindo perguntas sobre frequência, quantidade mínima e quantidade máxima, opinião sobre os efeitos e expectativas do álcool. Foi testada a relação entre a expectativa positiva e negativa e o comportamento de beber em diferentes faixas etárias. A expectativa do resultado explicou uma parcela maior da variação em beber entre participantes mais novos do que entre os mais velhos. Os efeitos da privação da droga, em sua relação com a expectativa positiva, predisse bem mais o comportamento dependente entre os participantes com idade abaixo de 35 anos de idade, enquanto que, para os participantes acima de 35 anos, a expectativa negativa em relação ao comportamento dependente foi a mais expressiva. Entre dependentes de álcool, de forma geral, sem que haja uma separação por faixa etária, a expectativa positiva relacionada aos efeitos da privação da droga predominou sobre a expectativa negativa. Esses resultados sugerem que a expectativa negativa prediz a abstinência, enquanto que a expectativa positiva prediz o consumo de bebida entre os dependentes.

Em anos recentes, as expectativas de resultados emergiram como um conceito-chave em modelos psicossociais do uso de álcool.

Fortaleceu-se a opinião sobre os efeitos do álcool no comportamento, os modos e as emoções, correlacionados com o consumo dessa substância em adolescentes e adultos¹⁵. A consistência de tal relacionamento, através das pesquisas realizadas, evidencia que essas expectativas têm um papel na iniciação e na manutenção do comportamento aditivo de álcool^{12,16-18}. A decisão de beber é influenciada, em parte, pela expectativa de que o álcool resultará em determinadas conseqüências desejáveis, tais como a diminuição da tensão, facilitação social e sexual. O comportamento de beber é mantido, então, por essas expectativas positivas acerca do efeito do álcool, as quais, assim como a experiência de beber, são acumuladas ao longo do tempo, sendo, assim, provável que as expectativas positivas frente ao uso de álcool difiram com a idade¹⁴.

Oliveira & Werlang¹⁹ desenvolveram a versão brasileira do Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais Acerca do Álcool (IECPA). Estudaram uma amostra de 502 sujeitos, homens e mulheres, da comunidade, de ambulatórios e hospitais, com idade entre 16 e 74 anos. As autoras aplicaram o IECPA e observaram que as médias das expectativas acerca do uso de álcool cresceram à medida que o padrão de bebida era mais pesado, de acordo com a pontuação nos quatro grupos: “não bebe ou ingere raramente”, “não ultrapassa 80 g de álcool”, “bebe, sistematicamente, mais de 80 g de álcool absoluto”, “bebe sistematicamente mais de 80 g de álcool e já precisou ou está em tratamento”.

O instrumento mais usado para medir as expectativas dos adolescentes e dos adultos é o questionário da expectativa do álcool (AEQ), o qual tem versões separadas para adolescentes e adultos. Enquanto a versão dos adultos mede somente expectativas de efeitos positivos, a versão dos adolescentes inclui os itens que medem efeitos negativos¹⁴.

Há mais de uma teoria que busca explicar o comportamento de beber. De acordo com Oei & Morawska²⁰, a teoria da expectativa positiva do álcool eclode da teoria de aprendizagem social, que supõe que atividades cognitivas, tais como antecipação, expectativa e memória sobre a história do uso do álcool, modelam e podem determinar o comportamento dependente²¹. Outra teoria pressupõe que comportamentos e expectativas de jovens dependentes de álcool são determinados, principalmente, pelas influências sociais da cultura, da família e dos parceiros. Mesmo a predisposição dos fatores individuais, deve-se salientar, irá sofrer a

influência desses agentes sociais. O conceito de expectativas do álcool deriva de estudos que indicam que os efeitos do álcool não estão ligados simplesmente a fatores fisiológicos, mas aos fatores cognitivos, decorrentes das crenças e opiniões acerca dos efeitos dessa substância. Por exemplo, os indivíduos que, recebendo um placebo, acreditam que consumiram o álcool, comportam-se de acordo com as expectativas que têm quanto ao seu efeito⁵.

O AEQ verifica a opinião sobre os efeitos do álcool em vários aspectos do comportamento e cognição¹⁵. Embora a distinção da expectativa do resultado e da expectativa de auto-eficácia fosse proposta por Bandura³ há mais de duas décadas, a maioria das pesquisas focalizou-se unicamente nas expectativas de resultados, indicando serem essas as preditoras mais importantes do consumo do álcool^{20,22,23}.

O efeito das expectativas no comportamento de beber é baseado na informação sobre o álcool e nos seus efeitos, adquiridos na infância e na adolescência e armazenados na memória, a longo prazo, no formato de uma rede semântica¹⁰. Uma vez que essas expectativas se tornam estabelecidas, guiam o comportamento quando expostas ao álcool, de modo que um indivíduo pode produzir os efeitos previstos quando o álcool é consumido. Assim, a opinião do indivíduo sobre o poder do álcool pode mudar mais o comportamento relacionado ao uso dessa substância do que as próprias ações fisiológicas¹². O processamento automático de conseqüências do uso do álcool determina a escolha para usar a droga, bem como os comportamentos que seguem a esse consumo. Conseqüentemente, quando o álcool é consumido, as expectativas são confirmadas, sendo que as contingências ambientais e os efeitos fisiológicos reais de beber reforçam as expectativas de resultados sobre os efeitos do álcool, fazendo com que a manutenção do consumo da substância dependa dessas expectativas, que estão sendo confirmadas ou não^{20,23}.

Em geral, as expectativas positivas são mais preditoras do consumo do álcool para adolescentes do que para adultos, o que talvez reflita o significado das expectativas ao comportamento, o qual varia de acordo com a idade¹².

As expectativas de prazeres sociais e físicos foram associadas com indivíduos que bebiam socialmente, os quais relataram a expectativa de que o álcool reduziria a tensão¹.

Em geral, as mulheres vislumbram expectativas de resultados positivos, de modo mais global, enquanto os homens focalizam-se na facilitação sexual. Ambos os gêneros, entretanto, parecem endossar fortemente as expectativas sociais²⁰.

Expectativas de resultado e uso de maconha

Schafer & Brown²⁴ submeteram o *Marijuana Expectancy Effect Questionnaire* (MEEQ) a 704 estudantes de duas universidades do sul da Califórnia. Cerca de 62% da amostra foram mulheres, e a média de idade foi de 19,23 anos (DP = 3,42), entre 17 e 54 anos. Quanto ao uso de substâncias, 295 estudantes (42%) relataram usar maconha, em média sete vezes por mês (DP = 8,16). O MEEQ foi administrado em grupo, junto com uma ficha com dados sociodemográficos e o registro habitual do uso da droga. Nessa validação do MEEQ, as propriedades psicométricas encontradas foram satisfatórias, indicando que o instrumento era adequado para avaliar crenças frente ao uso de maconha.

Aarons et al.²⁵ avaliaram as propriedades psicométricas do MEEQ, em um estudo longitudinal, utilizando uma amostra clínica e não-clínica de adolescentes. Confirmaram o MEEQ como uma escala confiável e fidedigna para o uso entre adolescentes (15 a 19 anos de idade). A consistência interna foi boa e semelhante aos achados de Schafer & Brown²⁶, quando validaram o MEEQ com uma amostra de adultos. O coeficiente de teste e reteste, após 2 anos, foi moderado, evidenciando a noção de que as expectativas são geralmente estáveis, podendo flutuar com as mudanças do contexto social e do aprendizado sobre os efeitos sociais e farmacológicos da droga.

Os adolescentes com maiores expectativas para prejuízo cognitivo/comportamental e efeitos globais negativos apresentavam menor probabilidade de uso de maconha, após 2 anos de estudo, sugerindo que tais expectativas podem prevenir o começo do uso de maconha no período da adolescência²⁶.

Em geral, maiores pontuações nas escalas de expectativas negativas e maiores expectativas para prejuízo cognitivo/comportamental e efeitos globais negativos estavam associadas com a cessação do uso de maconha, enquanto que menores expectativas negativas e menores expectativas de prejuízo cognitivo/comportamental e efeitos negativos associavam-se à continuidade do uso dessa substância.

Os achados de Aarons et al.²¹ correlacionam as baixas expectativas para prejuízo cognitivo/comportamental e outros efeitos negativos com a abertura de uma porta de entrada para o envolvimento com a substância. Porém, esses dados encontrados podem sugerir a busca de um potencial estratégico para a prevenção do desenvolvimento e progresso seqüencial do uso de maconha, à medida que as expectativas negativas quanto ao uso de substâncias venham a ser trabalhadas e reforçadas, em detrimento das expectativas positivas.

Galen & Henderson²⁷ validaram o MEEQ²⁴ estudando uma população clínica, cuja amostra constituiu-se de 149 homens, com idades entre 23 e 59 anos, internados para tratamento numa clínica de dependência química (21 a 28 dias). Os não-usuários de maconha apresentaram maiores expectativas de efeitos negativos do que os usuários. Quanto às expectativas de maior relaxamento e efeitos do *craving*, os usuários apresentaram maiores pontuações do que os não-usuários ou os que pararam de usar. Os achados sugerem também uma modificação da teoria que apresenta as expectativas negativas como fatores capazes de evitar o início do uso em não-usuários de drogas, pois esse estudo demonstrou que os usuários de maconha apresentam expectativas negativas globais mais baixas quando comparados aos não-usuários.

Pesquisas têm demonstrado que os domínios das expectativas em relação ao uso de maconha são similares aos do álcool²⁸. Esses autores, usando uma metodologia a partir do estudo de expectativas do álcool, modelaram uma rede semântica das expectativas da maconha armazenadas na memória. Traçaram as expectativas no formato e na preferência da rede da memória, objetivando modelar trajetórias prováveis da ativação da expectativa. O instrumento utilizado para avaliar as expectativas frente ao uso de maconha foi criado pelos autores, o *Memory Model-Based Marijuana Expectancy Questionnaire* (MMBMEQ), e aplicado em dois grupos. O grupo 1 foi constituído por 172 sujeitos, 105 mulheres e 67 homens, entre 17 e 47 anos de idade (M = 20,97 anos), voluntários, estudantes de psicologia, cujo consumo de maconha variou entre “nenhum uso” até “uso diário”. Foram 54 itens impessoais, que os participantes podiam responder mesmo que nunca tivessem experimentado a droga. Já o grupo 2 foi constituído por 754 voluntários, 539 mulheres e 215 homens, entre 17 e 50 anos de idade (M =

20,99 anos), cujo consumo de maconha deveria ter ocorrido no mínimo uma vez na vida, pois os participantes responderam de acordo com sua experiência após ter fumado maconha. A garantia de sigilo, anonimato e princípios éticos da pesquisa facilitou as respostas desse grupo. A organização e a ativação de expectativas da maconha evidenciaram variações para o nível de consumo da substância. Os consumidores pesados de maconha apresentaram expectativas de relaxar e ficarem menos agitados, sendo os mais prováveis a ativarem expectativas positivas de relaxamento, melhor desempenho cognitivo e facilitação social. Os não-usuários de maconha, entretanto, enfatizaram uma dimensão de estar ciente quanto ao uso e efeitos da maconha, sendo mais provável ativarem expectativas negativas do desempenho cognitivo e da facilitação social. De acordo com os autores, os esforços futuros, através desses testes padrões de prováveis mapas da ativação das expectativas de resultados, podem ser bem-sucedidos para avaliar a mudança do comportamento frente ao uso ou início do uso de maconha.

Desenvolveu-se uma versão breve dos 70 itens do MEEQ para o uso com os adolescentes internados. Um único item foi criado para representar cada uma das seis subescalas do instrumento original. Cerca de 124 adolescentes completaram a versão breve do instrumento (MEEQ-B). As análises psicométricas sugeriram que o MEEQ-B teve dois fatores: um com 29% da variação das respostas, acerca das expectativas positivas, e outro com 23% da variação nas respostas, para as expectativas negativas. Além disso, as consistências internas de cada um desses fatores foram 61% e 38%, respectivamente. Este estudo conclui que os pesquisadores devem continuar a usar a versão mais longa do instrumento, mas que a versão breve pode ser útil como uma ferramenta clínica, para gerar a discussão sobre expectativas do uso da maconha²⁹.

Stein et al.³⁰ avaliaram as implicações do uso de maconha em adolescentes que estavam em tratamento. Foram 82 adolescentes que participaram do estudo randomizado, com taxas elevadas de uso de álcool, maconha e nicotina. O uso de maconha e nicotina estava associado a taxas elevadas de sintomas depressivos. A respeito das expectativas do uso dessas drogas, em geral, os adolescentes não esperavam que o álcool tivesse um grande impacto em suas vidas, exceto quanto ao incremento de coragem, sendo que os

adolescentes sentiram-se confiantes em sua habilidade de resistir ao álcool. Entretanto, os adolescentes esperavam que a maconha tivesse um impacto positivo maior e um impacto negativo muito pequeno em suas vidas, não se mostrando confiantes em suas habilidades de resistir ao uso da maconha, embora muitos demonstrassem interesse operar em mudanças nesse sentido.

Pedroso et al.³¹ validaram a *Marijuana Expectancy Questionnaire* (MEQ) – Adaptação Brasileira. A amostra, por conveniência, foi de 400 sujeitos, homens (n = 217) e mulheres (n = 183), entre 12 e 60 anos de idade (M = 25,41; DP = 9,42), usuários de maconha (n = 147) e não-usuários (n = 253). Dentre os usuários, 90 eram dependentes de maconha, dos quais 56 estavam internados. Na validação semântica, os pesquisadores utilizaram um comitê de juízes especialistas e o *brainstorming*. O estudo apresentou $\alpha = 0,89$ para a escala com 78 itens e $\alpha = 0,89$ para a escala reduzida, com 55 itens. Nessa amostra brasileira, aplicaram-se os 78 itens, porém a análise estatística foi a partir da escala reduzida, pois as propriedades psicométricas foram similares. A validade discriminante para a escala reduzida foi, estatisticamente, significativa ($p = 0,001$). A estabilidade temporal foi examinada numa amostra de 123 sujeitos, com o intervalo de uma semana entre o teste e o reteste, indicando um padrão consistente de resposta ao longo do tempo ($r = 0,990$). O MEQ – Adaptação Brasileira apresentou bons resultados psicométricos, podendo avaliar as expectativas de resultados relacionadas ao uso de maconha.

Expectativas de resultados e uso de tabaco

Gilbert & Warburton⁶ encontraram, pesquisando fumantes, resultados que sugerem que as crenças negativas a respeito do uso do tabaco têm uma associação com a abstinência, enquanto que as crenças nos efeitos prazerosos estão relacionadas com o consumo dessa substância. A teoria clássica da retirada da substância implica que os efeitos negativos da abstinência são universais e inevitáveis devido ao efeito farmacológico da remoção da nicotina. Esses efeitos irão interferir nas expectativas relacionadas ao uso do tabaco e, conseqüentemente, no consumo dessa droga. Os pesquisadores concluíram, ainda, que técnicas da terapia cognitiva podem, enfatizando os resultados positivos da cessação, incentivar os pacientes na alteração

de suas expectativas, a fim de fazer mudanças permanentes em seu estilo de vida.

DISCUSSÃO

Apesar das limitações em termos de trabalhos que associam expectativas de resultados e comportamento aditivo, os resultados encontrados na literatura revisada demonstraram que os domínios das expectativas de resultados em relação ao uso das diversas substâncias psicoativas são similares²⁸. Todavia, a totalidade deste estudo demonstrou que é importante desenvolver e validar instrumentos que mensurem, especificamente, as expectativas de resultados diante do uso de diferentes substâncias psicoativas, já que há evidências de que os efeitos subjetivos e comportamentais das drogas são influenciados pelas expectativas³¹.

As crenças têm sido estudadas como indicadoras dos sentimentos das pessoas diante de suas experiências e do quanto isso se liga aos efeitos decorrentes do uso das drogas. Torna-se necessário saber como as crenças são adquiridas e sustentadas, para, assim, entender como podem ser modificadas³².

As expectativas de resultados podem ser entendidas como representações cognitivas de aprendizado direto e vicário que criam uma rede de memória, a qual pode ser ativada por fatores relacionados com a droga. As expectativas de resultados são ativadas e desencadeiam o comportamento aditivo voluntário, onde o sujeito decide usar a substância quando as suas reações psicológicas antecipam a compensação pelo uso da droga⁴.

Observou-se, na literatura revisada, que as expectativas podem servir como uma rota para transmitir o efeito de variáveis antecedentes importantes na conseqüência do consumo de álcool⁷. As expectativas positivas do álcool associam-se com o consumo pesado dessa substância entre indivíduos com pais usuários de álcool, evidenciando a importância da exposição familiar, no caso de alcoolistas graves. Pesquisas empíricas demonstram que as expectativas têm um papel na iniciação e na manutenção do comportamento dependente de álcool^{11,15,18}.

Este estudo demonstra que as expectativas acerca do álcool podem manter o comportamento de beber, na esperança de alcançar os resultados desejados. Como as expectativas sobre os efeitos do álcool, assim como a experiência de beber, são acumuladas ao longo do tempo, é provável que as

expectativas de resultados frente ao uso de álcool difiram com a idade^{12,16-18}.

No caso de indivíduos que bebem socialmente, as expectativas de resultados em relação ao uso de álcool associam-se ao prazer social e físico, sendo que o efeito esperado relaciona-se à redução de tensão¹. Quanto ao gênero e sua relação com as expectativas frente ao uso de álcool, homens e mulheres endossam expectativas sociais, porém as mulheres apresentam mais expectativas de resultados positivos no sentido global do funcionamento, enquanto que os homens focalizam-se na facilitação social e sexual²⁰.

Quanto ao uso de nicotina, as expectativas associam-se ao prazer de fumar, havendo variações entre indivíduos, porém com similaridades nesse processo. Indivíduos com mais experiências negativas tendem a atribuí-las à abstinência de nicotina. A ênfase dos resultados positivos da abstinência pode ser trabalhada, utilizando-se a terapia cognitiva, com o objetivo de alterar expectativas, enfatizando os resultados positivos da cessação⁶.

Pensa-se que pesquisas acerca da construção e do papel das expectativas de resultados no desenvolvimento do abuso de substâncias podem incrementar estratégias cognitivas e comportamentais que auxiliem na mudança dessas crenças e seus significados, facilitando, assim, a mudança do comportamento dependente. No entanto, os artigos encontrados nos bancos de dados pesquisados não enfatizavam a aplicabilidade das expectativas na prevenção e mudança do comportamento aditivo. Ainda são necessários estudos que venham complementar os achados já existentes. A validação de instrumentos que mensurem as expectativas de resultados frente ao uso de substâncias psicoativas constitui-se apenas no início do processo que poderá auxiliar na prevenção do desenvolvimento e do progresso seqüencial do uso de substâncias psicoativas. E essas estratégias devem prever a educação quanto aos efeitos negativos ligados ao consumo das drogas, bem como reforçar as expectativas negativas a estas associadas.

CONCLUSÕES

Estudar a respeito do construto expectativas de resultados frente ao uso de substâncias psicoativas revelou a necessidade de novas pesquisas envolvendo esse tema, utilizando amostras variadas e diferentes tipos

de droga. O álcool relacionado às expectativas de resultados é o tema mais estudado. Por tratar-se de um tema que ainda carece de atenção nas pesquisas, a busca de artigos específicos nas bases de dados revelou apenas três artigos acerca de expectativas de resultados relacionadas ao uso de maconha e dois artigos relacionados ao uso de tabaco, não sendo encontrado nenhum artigo que se referisse ao uso de outras substâncias psicoativas.

A literatura encontrada demonstrou que as expectativas de resultados são determinadas a partir do que as pessoas acreditam acerca dos efeitos de determinada droga, sendo que os efeitos das substâncias psicoativas veiculados na mídia fazem com que as pessoas interajam com essas informações, constantemente observando e aprendendo comportamentos a partir das crenças em resultados positivos ou negativos.

Nem sempre os efeitos reais do uso das drogas correspondem aos efeitos esperados. Assim, as expectativas individuais serão o produto entre o efeito real e o efeito esperado quanto ao consumo de cada substância. Dessa forma, no processo de recaída, as expectativas de resultados positivos podem ser mais relevantes do que os próprios prejuízos decorrentes do consumo da droga.

O conceito de expectativas de resultados relacionadas ao uso de maconha assemelha-se aos conceitos encontrados em relação a outras drogas, como o álcool e o tabaco, embora as pesquisas revisadas demonstrem a importância de estudarem-se as particularidades específicas de cada droga.

Ainda é necessário caracterizar o construto expectativas de resultados frente ao uso de substâncias psicoativas, diversificando as amostras e utilizando populações específicas: adolescentes, adultos, homens e mulheres.

Neste estudo, foram incluídos artigos indexados nas bases de dados disponíveis na Internet, os quais contemplaram os descritores já citados na metodologia. No entanto, nenhum contato foi realizado com os respectivos autores, a fim de saber se havia outros trabalhos não-indexados, abordando o construto pesquisado. Acredita-se que, num próximo momento, possa se realizar uma revisão sistemática, um processo metodológico que evidencie o tema estudado de modo mais profundo.

Todavia, observa-se na prática clínica e nos artigos revisados nesta pesquisa que as expectativas de resultados influenciam no início

e na manutenção do comportamento dependente. Porém, o valor prático e ético do conhecimento do construto expectativas de resultados frente ao uso de substâncias psicoativas ainda deve percorrer um longo caminho, no que diz respeito às ações profiláticas tão necessárias ao crescente uso de drogas, bem como ao tratamento da dependência química.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

REFERÊNCIAS

1. Brown SA. Expectancies versus background in the prediction of college drinking patterns. *J Consult Clin Psychol*. 1985;53:123-30.
2. Marlatt A, Gordon J. *Prevenção da recaída: estratégia e manutenção no tratamento de comportamentos aditivos*. Porto Alegre: Artes Medicas; 1993.
3. Bandura A. Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychol Rev*. 1977;84:191-215.
4. Brown SA. Drug effect expectancies and addictive behavior change. *Exp Clin Psychopharmacol*. 1993;1:55-67.
5. Marlatt GA, Rohsenow DJ. Cognitive processes in alcohol use: expectancy and the balanced placebo design. In: Mello NK, ed. *Advances in substance abuse*. Greenwich: JAI Press; 1980. p. 159-99.
6. Gilbert HM, Warburton DM. Attribution and the effects of expectancy: how beliefs can influence the experiences of smoking cessation. *Addict Behav*. 2003;28:1359-69.
7. Darkes J, Greenbaum PE, Goldman MS. Alcohol expectancy mediation of biopsychosocial risk: complex patterns of mediation. *Exp Clin Psychopharmacol*. 2004;12:27-38.
8. Bolles RC. Reinforcement, expectancy, and learning. *Psychol Rev*. 1972;79:394-409.
9. Tolman EC. *Purposive behavior in animals and man*. New York: Appleton-Century-Crofts; 1932.
10. Darkes J, Goldman MS. Expectancy challenge and drinking reduction: experimental evidence for a mediational process. *J Consult Clin Psychol*. 1993;61:344-53.
11. Aarons GA, Goldman MS, Greenbaum PE, Coovert MD. Alcohol expectancies: integrating cognitive science and psychometric approaches. *Addict Behav*. 2003;28:947-61.
12. Leigh BC. In search of the seven dwarves: issues of measurement and meaning in alcohol expectancy research. *Psychol Bull*. 1989;105:361-73.
13. Conway KP, Swendsen JD, Merikangas KR. Alcohol expectancies, alcohol consumption, and problem drinking: the moderating role of family history. *Addict Behav*. 2003;28:823-36.
14. Leigh BC, Stacy AW. Alcohol expectancies and drinking in different age groups. *Addiction*. 2004;99:215-27.
15. Goldman MS, Brown SA, Christiansen BA, Smith GT. Alcoholism etiology and memory: broadening the scope of alcohol expectancy research. *Psychol Bull*. 1991;110:137-46.
16. Cox WM, Klinger E. A motivational model of alcohol use. *J Abnorm Psychol* 1988;97:168-80.
17. Goldman MS, Brown SA, Christiansen BA. Expectancy theory: thinking about drinking. In: Blane HT, Leonard KE, eds. *Psychological theories of drinking and alcoholism*. New York: Guilford Press. 1987. p. 181-226.
18. Maisto SA, Connors GJ, Sachs PR. Expectation as a mediator in alcohol intoxication: a reference level model. *Cognit Ther Res*. 1981;5:1-18.
19. Oliveira MS, Werlang BG. *Inventário de expectativas e crenças pessoais acerca do álcool (IECPA) - Versão brasileira adaptada*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1993.
20. Oei TP, Morawska A. A cognitive model of binge drinking: the influence of alcohol expectancies and drinking refusal self-efficacy. *Addict Behav*. 2004;29:159-79.
21. Abrams DB, Niaura RS. Social learning theory. In: Blane HT, Leonard KE eds. *Psychological theories of drinking and alcoholism*. New York: Guilford Press; 1987. p. 131-78.
22. Oei TP, Baldwin AR. Expectancy theory: a two-process model of alcohol use and abuse. *J Stud Alcohol*. 1994;55:525-34.
23. Oei TP, Fergusson S, Lee NK. The differential role of alcohol expectancies and drinking refusal self-efficacy in problem and nonproblem drinkers. *J Stud Alcohol*. 1998;59:704-11.
24. Schafer J, Brown SA. Marijuana and cocaine effect expectancies and drug use patterns. *J Consult Clin Psychol*. 1991;59:558-65.
25. Aarons GA, Brown SA, Stice E, Coe MT. Psychometric evaluation of the marijuana and stimulant effect expectancy questionnaires for adolescents. *Addict Behav*. 2001;26:219-36.
26. Schafer J, Brown SA. *Marijuana Expectancy Questionnaire (MEQ)*. 1994.
27. Galen LW, Henderson MJ. Validation of cocaine and marijuana effect expectancies in a treatment setting. *Addict Behav*. 1999;24:719-24.
28. Linkovich-Kyle TL, Dunn ME. Consumption-Related differences in the organization and activation of marijuana expectancies in memory. *Exp Clin Psychopharmacol*. 2001;9:334-42.
29. Griffin S, Stein L, Colby S, Barnett N, Monti P, Golembeske C. Validation of a brief version of the marijuana effect expectancy questionnaire. In: 8th Annual Research Symposium on Mental Health Sciences; 2004 Mar; Brown University, Providence, RI, USA.
30. Stein LAR, Colby S, Barnett N, Monti P, Lebeau-lebeau-Craven R, Golembeske C. Assessment of substance use and treatment implications for incarcerated teens. In: Eisenberg RM, Geller EB, eds. *Proceedings from the 65th Annual Meeting of the College on Problems of Drug Dependence*; 2003 Jun; Bal Harbour, FL, USA.
31. Pedroso RS, Oliveira MS, Moraes JF. *Desenvolvimento e validação do Marijuana Expectancy Questionnaire (MEQ - Adaptação Brasileira)*. *Cad Saude Publica*. 2004. No prelo.
32. Eiser JR. Attitudes and beliefs. In: Baum A, Newman S, Weinman J, West R, McManus C, eds. *Cambridge handbook of psychology, health and medicine*. Cambridge: Cambridge University Press; 1997. p. 3-7.

RESUMO

Este artigo teve como objetivo realizar uma revisão teórica acerca do construto expectativas de resultados frente ao uso de álcool, maconha e tabaco. As expectativas de resultados são determinadas a partir do que as pessoas acreditam acerca dos efeitos de determinada droga, sendo uma variável importante

no tratamento de dependentes químicos. Foram realizadas buscas de artigos publicados nas bases de dados MEDLINE, PsycINFO, ProQuest, Ovid, LILACS e Cork, usando os descritores belief, expectancy, expectation, drugs, psychoactive e effect. Os resultados demonstraram que as expectativas de resultados frente ao uso dessas substâncias podem surgir de fontes como: exposição a estímulos condicionados, dependência física, crenças pessoais e culturais e fatores situacionais e ambientais. Conclui-se que ainda há necessidade de novas pesquisas quanto às expectativas relacionadas às diferentes substâncias psicoativas e faixas etárias para uma melhor compreensão deste construto.

Descritores: Expectativas de resultados, álcool, maconha, tabaco.

ABSTRACT

This article aims to perform a theoretical review about the outcome expectancy construct considering the use of alcohol, cannabis and tobacco. Outcome expectancy is determined by people's belief about the effects of a drug. It is an important variable for the

treatment of chemically dependent patients. Searches in the electronic databases MEDLINE, PsycINFO, ProQuest, Ovid, LILACS and Cork were carried out, using the following descriptors: belief, expectancy, expectation, drugs, psychoactive, and effect. Results showed that outcome expectancy considering the use of those substances can be generated from: exposure to conditioning stimuli, physical dependence, personal and cultural beliefs, and situational and environmental factors. In conclusion, there is the need of new researches on expectancies related to psychoactive substances and age groups in order to have a better understanding of this construct.

Keywords: Outcome expectancy, alcohol, cannabis, tobacco.

Title: Outcome expectancy considering the use of alcohol, cannabis and tobacco

Correspondência:

Rosemeri Siqueira Pedroso
Av. Azenha, 165/305 – Bairro Azenha
CEP 90160-000 – Porto Alegre, RS
E-mail: rosemeripedroso@yahoo.com.br

Copyright © Revista de Psiquiatria
do Rio Grande do Sul – SPRS